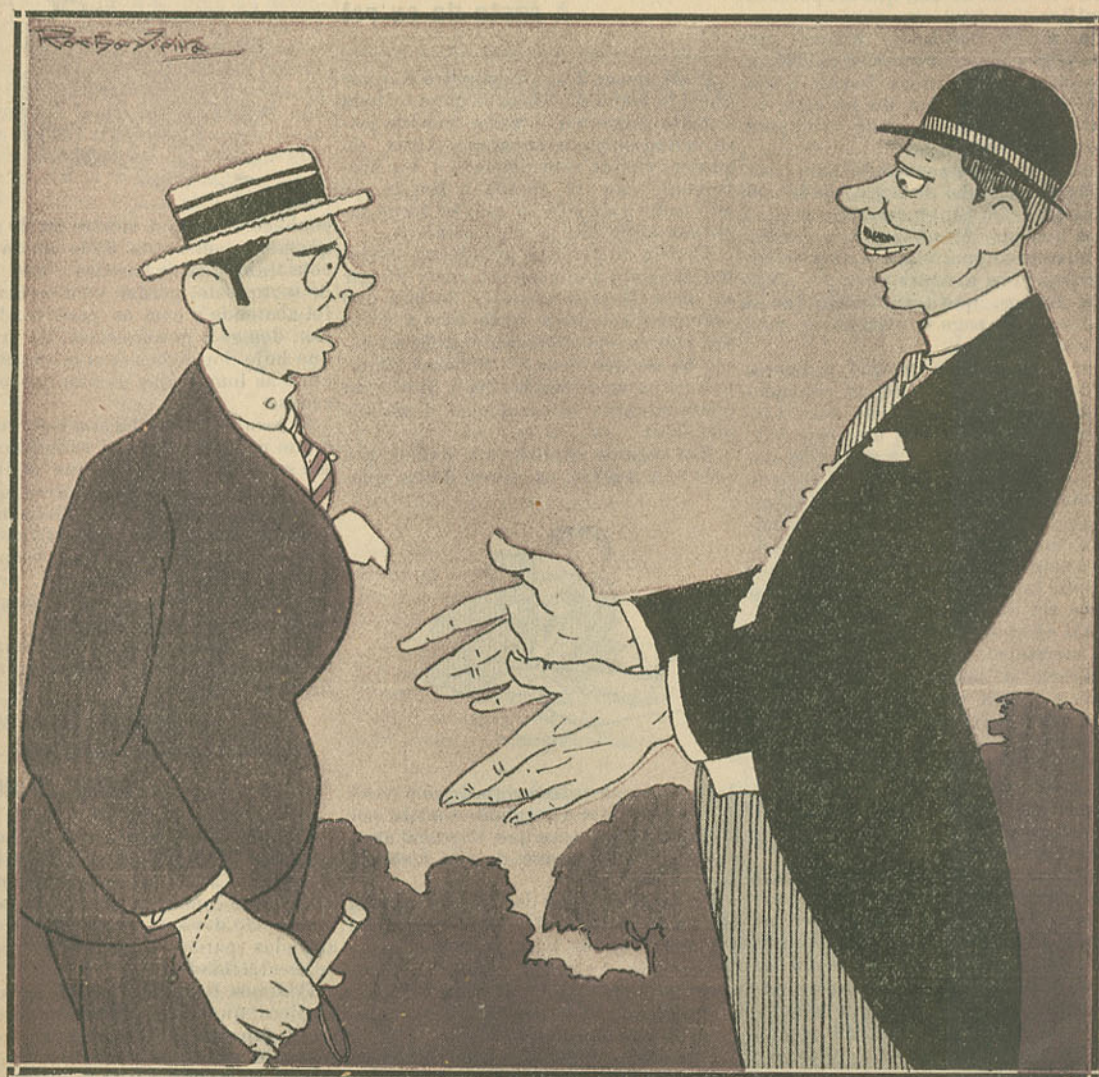




Redação, Administração e Oficinas — Rua do Seculo, 43. — Lisboa

Estão verdes... e encarnadas



O talassinha — *Isto, meu caro amigo, é um país arruinado, perdido, desvalorizado pela hora da morte, sem ter rei que governe.*

O indiferente — *É, é. Por isso vocês á falta de um querem impingir-nos dois.—Dois reis para um país perdido... é realmente um achado.*



PALESTRA AMENA

Historia d'uma batata

Transcrevemos o seguinte escrito encontrado ha dias n'um barril de lixo:

Sou portugüesa e minha mãe veiu de França encaixotada, ao contrario do que costuma acontecer com as pessoas, que são portugüesas e mandam vir os filhos de França. Foi minha mãe lançada á terra, estrumada, regada, e passados tempos começou a crescer para cima e para baixo, a dar folhas e raizes, n'uma das quais en appareci e onde estive agarrada durante alguns mezes, até chegar á minha maioridade. Um dia senti cavar perto de mim e uma voz dizer:— «Cantela, não cortes com a enxada alguma batata, porque valem hoje um dinheirão.» D'af a pouco vi pela primeira vez a luz do dia, que me pareceu magnifica e os homens, que me pareceram muito delicados, porque um d'eles pegou-me com o maior cuidado e meteu-me, com minhas irmãs, n'um caixote, depois de me ter na mão, de me afagar e dizer:— «Esta vale, pelo menos, um tostão!»

O caixote foi transportado para uma estação de camião de ferro, onde não fui tratada com tanto carinho, porque outros homens, de má catadura, atiraram connosco para cima d'uma balança, avisando-os o nosso dono:— «Não sejam brutos, que cada batata que af vai, depois de pago o transporte, vale dois tostões!»

D'af a quinze dias (porque tínhamos sido despachadas em grande velocidade) partimos n'um comboio para Lisboa, onde chegámos seis mezes depois, isto é, onde cheguei eu e mais tres manas, porque as restantes foram ficando nas estações de transito, onde o caixote era aberto e onde nos iam gradualmente dizimando a familia. Cheguei, pois, á capital, grelada e seca, e em Santa Apolo ia fui transportada para uma carroça em direcção á Praça das Flores. Ali cheguei, efectivamente, á loja d'um mercieiro, mas sósinha, porque no trajecto o carroceiro arrombou o caixote e meteu nas algibeiras as minhas manas, chamando-lhes, ao que disse, um figo.

O mercieiro abriu o caixote e exclamou, ao ver-me:— «Pois consegui que chegasse uma batata! Que felicidade!» E acrescentou:— «Não vale menos de dez tostões!»

Expóz-me na vitrine e fui durante dias a admiração dos transeuntes, que entravam, apalpavam e saíam sem me comprar, porque achavam caro. Ao primeiro transeunte o mercieiro pediu dez tostões, onze ao segundo, doze ao terceiro, treze ao quarto, quatorze ao quinto, e assim successivamente, de maneira que oito dias depois um letreiro a meu lado marcava cinquenta contos e duzentos mil réis. Foi então que um novo rico me comprou, acondicionando-me em cima de algodão em rama,

perfumando-me com essencia de violeta e levando-me de automovel para casa, com destino a um banquete que estava para dar aos amigos por ter ganho n'essa occasião cinquenta contos de réis na venda de tres quilos de açucar.

Apareci á sobremesa, n'uma travessa de Sacavem, que o dono da casa tinha comprado por Sèvres, e ali fui alvo de geral espanto:— «Uma batata! exclamaram os convivas, para o anfitrião; pois você conseguiu obter uma batata! Qual de nós se atreverá a comer uma tal raridade?» Ninguém me comen, efectivamente e hoje encontro-me conservada em alcool, na sala Luis XV do meu proprietario, que me mostra ás visitas, mas em segredo, para não ser multada como açambarcador...

J. Neutral.

A carta do ex-rei

D. Manecas 2.º — o primeiro é, o conhecido mano do Quim — quando toda a gente julgava que tinha tomado juizo, botou epistola ao nosso Aires, da qual se vê que está disposto a vir brevemente por af abaixo a fim de pôr isto tudo a direito, o que se torna facilissimo desde que se dê a amnistia.

Depois de dizer, á brazileira, «vejo-me obrigado a novamente «me» dirigir ao meu Representante», declara que «economicamente a fome bate á porta dos pobres especialmente» (pudera! havia de ser dos ricos!) «financeiramente a ruina aproxima-se dia a dia» e na nossa situação internacional é melhor não falar».

Em seguida explica, em bundo, que «são bem negras as côres d'este qua-



dro mas quem quizer pinta-lo com côres de rosas faltará á verdade» e acaba por declarar que a crise que Portugal atravessa é a mais grave da sua historia, desde 1580.

Pois é af que nos doe. A de 1580 foi devida ao maluquinho de D. Sebastião; a d'agora vem de traz, de varios cavalleiros que, á sombra da corôa, inauguraram a politiquice de compadrios e corrupções, que se introduziu nos costumes e que tanto custa a sair.

Pois então venha d'af o D. Manecas e o primo D. Duarte, que serão recebidos de braços abertos e (se dão licença que nos apropriemos d'um dito alheio) um cacete em cada braço,

Escolas ao ar livre

Recebemos a seguinte missiva:

Sr. redactor.

«Li no «Seculo» do dia 16 que o sr. Rego Chaves, ex-ministro da instrucção, determinou que a inspecção escolar promovia a instalação, na capital, de uma ou mais escolas primarias ao ar livre, porque os medicos são de opinião que muitas das enfermidades de que as crianças sofrem proveem de se aglomerarem em recintos fechados.

Sou a dizer-lhe, sr. redactor, que n'essa parte a provincia ha muito que leva a palma a Lisboa, porquanto a escola onde sou professor é ao ar livre e o mesmo acontece a muitas outras que



conheço. Sou aqui mestre ha 20 anos e quando tomei conta d'ela ainda a escola tinha quatro paredes e uns restos de tecto; este, porém, com os invernos foi abatendo e com as paredes, de adobas, deu-se a mesma coisa, de maneira que hoje dou lições com o céu por tecto e as longinquas montanhas por paredes.

O resultado, sanitariamente falando, é que não tem sido tão satisfatorio como seria de prever, o que attribuo ás ventanias, chuvas e soalheiras que os pequenos apanham e os dizem que é um louvar a Deus, mas attribuo esta contradição entre a sciencia e a pratica á falta de habito, visto que, propriamente, só ha 18 anos é que estamos ao ar livre; veem a habituar-se.

Se v. entender que estas linhas merecem a publicação, muito grato lhe fica o at.º ven.º dor

Jeremias Constante».

Salmão de conserva

Contam da America que n'uma prisão, em Clifton, todos os presos foram atacados d'uma doença, por comerem salmão de conserva, doença cujos sintomas são deveras extraordinarios: os atacados parece que estão carregados de electricidade!

Pedimos licença para observar aos medicos que os examinaram, que são muito tapados. O estarem os homens n'aquelle estado, o que prova é que regaram abundantemente o salmão, com a bela da vinhaça. No velho continente, não ha ninguem que não saiba que estar electrificado é estar borraça.



O FENOMENO DA COSTUREIRA

O fenomeno denominado «da costureira», que, como se sabe, consiste em se ouvir o ruido d'uma maquina de costura a trabalhar, sem existir no local maquina nenhuma, já chegou ao Porto. E' no quartel da Guarda Republicana que ele se manifesta, — como, aliás era natural, porque as costureiras são danadas pela farda marcial.

O melhor do caso é que os da guarda chamaram, para explicar o misterio, quem saber quem? o sr. Leonardo Coimbra, como se este percebesse alguma coisa de labores femininos! E' claro que meteu os pés pelas mãos, dando, porém a entender que os sabios são malucos — no que todos estamos d'acordo.

A falta d'agua

Não ha outro remedio senão intervirnos com as nossas luzes na demorada questão da falta d'agua, porque a comissão nomeada para providenciar não atá nem desata, sendo de prevêr que, quando apresente os resultados das suas loc. braçõs, já Li-boa não precise de providencias, porque virão em meio do inverno. E' verdade que alguma coisa já transpiron de tantos trabalhos, como se já a idéa de acabar com a lavagem dos urinoes e com as regas nas ruas dos bairros pobres, mas d'essas duas sabias medidas não pod'em deduzir-se as restantes, visto que não



é provavel que o nivel das agnas canalizadas aumente com elas, sabendo-se, como se sabe, que nas lavagens e regas referidas não se gasta por dia mais d'um litro d'agua.

Vamos, pois, a isto. Decrete-se:

1.º — A supressão da agua benta nas egrejas.

2.º — A liberdade de se verterem agnas a qualquer hora e em qualquer local.

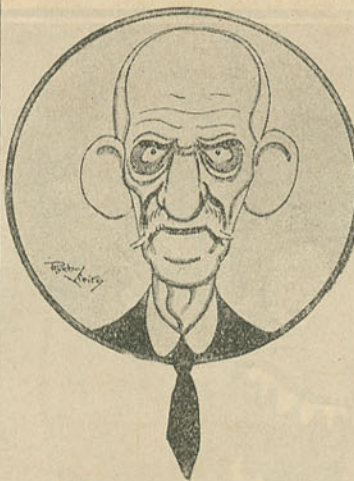
3.º — Instituição d'um premio valioso por cada filho que a rua da Mãe d'Agua der á luz.

4.º — Aproveitamento das agnas que rebentam nos partos.

5.º — Obrigação de todas as mulheres bonitas e homens simpaticos se exhibirem nos bairros onde mais se faça sentir a falta d'agua, para que aos seus habitantes cresça a agua na boca.

Parece-nos isto o suficiente e a quem achar estupidas estas idéas responderemos que até agora não appareceram melhores.

EM FOCO



Joaquim d'Azevedo

*Dizem que é um prodigio de tesura,
Que quando quere não sofre contradita,
Que faz tremer a gente quando o fita,
Que ninguem o domina nem segura.*

*Se diz: — Quero batatas com fartura!
A teria dá batatas, não hesita.
Se — Venha açucar! o Azevedo grita
Brotam canas na rocha negra e dura.*

*Emfim, essa energia, que lhe exalto,
Muito embora no tom de brincadeira
Que se costuma usar n'estas poesias,*

*E' tal que em o Belford falando alto,
Mete-se logo atraz d'uma cadei: a
E fica lá de cócoras tres dias!*

BELMIRO

Logares selectos

O melhor vento

Corria lá pela aldeia
Ditado que Deus mantenha:
«A quem Deus quere ajudar
O vento lhe ajunta a lenha...»

Mulher pobre e preguiçosa
Que nesta aldeia morava,
Ouviu, gostou da sentença,
N'ela se sentenciava.

Não quiz saber se mer'cia
Ou não, que Deus a ajudasse;
Foi á lenha, ao monte e disse
Ao vento que lh'a apanhasse.

Ora o vento, ao que parece,
Tinha lá seu pensamento:
Em vez de a ajuntar, espalha-a,
No que mostrava ser vento.

E a perguiçosa da velha
(O sol de inverno lhe valha!)
Voltou a casa á noitinha
Sem trazer nem maravilha.

Já se vê, não fêz fogueira
Nessa noite de inverno
E ao frio que padecen
Quasi de frio morria.

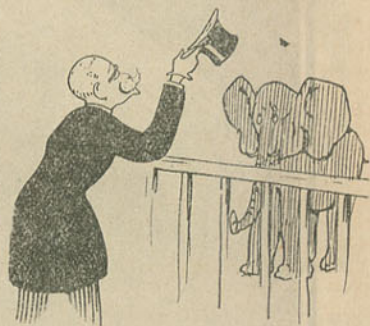
De manhã lá volta ao monte,
Mas, ao lembrar-lhe a lição,
Não espera pelo vento:
Ajunta por sua mão.

E depois, dizia ella,
De consolada ao borrarho:
— Vento com que Deus ajuda?
O mais seguro é o trabalho.

Antonio Correia de Oliveira.

Ainda o Ipana

Ainda... e sempre. Não largaremos o Ipana de mão, nem a direcção do Jardim Zoologico o larga, multiplicando os reclamos a tão importante personalidade. O ultimo resa assim: «Uma vez no parque nenhum dos forasteiros deixa de procurar com interesse o notavel Ipana, cuja dilatada tromba cada



vez se apresenta mais engraçadamente, solicitante e cumprimentadora.»

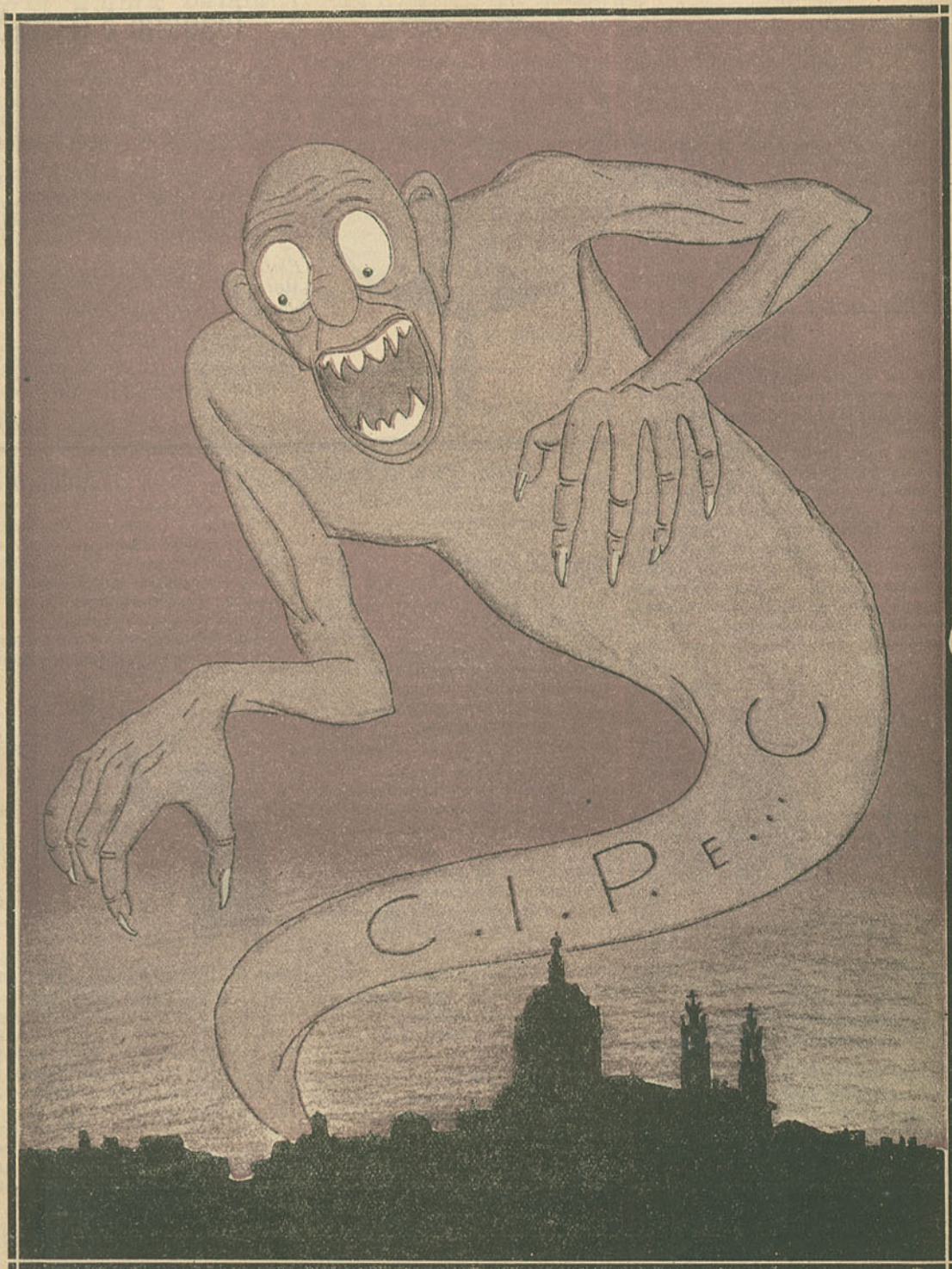
Com o devido respeito, parece-nos que n'estas palavras houve o proposito de comparar o bicho a uma alta personalidade da politica portugueza, no intuito de atraír para aquele as sympathias de que este gosa.

Aparte a tromba — visto que se trata d'um rosto humano, por sinal bem bonito — estão os senhores a ver quem é que se apresenta engraçadamente, solicitante e cumprimentador...

Basket-ball

Pratica-se agora em Lisboa um jogo esportivo, chamado «Basket-ball», cujas regras o sr. Carlos Vilar está traduzindo. Ha dias explicava ele o que eram, no dito jogo, os «umpires», como se não soubesse toda a gente que um pires é o pratinho onde se coloca a chavena!

A nova Costureira



A Nova Companhia Industrial e... Colonias (Moagem), como o fenomeno da costureira, tambem se faz sentir em todos os estomagos.